



VIII Simpósio sobre a Formação do Analista

Segunda reunião de formação em torno do texto de LACAN sobre a Formação do Analista, *Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École, (Scilicet, no. 1, Paris, 1968)*.

Sede do Traço Freudiano Veredas Lacanianas

Recife 10 de maio de 1997

Revisão : **Paulo Roberto Medeiros e Edna Porto**
Digitação, arte e editoração: **João Rego**

VIII Simpósio sobre a Formação do Analista

Sede do Traço Freudiano Veredas Lacanianas

Recife 10 de maio de 1997

João Rêgo: Oitavo Simpósio Formação do Analista, 10 de maio 97, sede do Traço Freudiano Veredas Lacanianas.

Edna Porto: Olhe hoje é o nosso segundo, a nossa segunda reunião para discutir a Proposição de nove de outubro. Para começar como em termos do conteúdo de páginas lidas a gente avançou pouco eu gostaria de reler o que a gente já leu, fazer uma releitura corrida, para daí começarmos de onde a gente ainda não leu. "Proposição de nove de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola".

Tratar-se-á de estruturas asseguradas na psicanálise e de assegurar sua efetuação no psicanalista, isto se oferece a nossa escola após a duração suficiente de órgãos esboçados sob princípios limitativos".

Paulo Medeiros: Edna, você prefere, primeiro... a gente poder intervir durante sua apresentação ou prefere...

Edna Porto: Não, pode intervir.

Paulo Medeiros: Porque eu estou tentando acompanhar em três versões.

Edna Porto: Sim.

Paulo Medeiros: Eu sempre enfatizo, procuro enfatizar muito a história das versões, também porque isso pode se tornar uma diversão, até uma diversão, para mostrar que, afinal de contas, a gente nunca vai ter acesso ao dito, sendo esta a nossa interpretação da coisa toda, então onde você leu *garantir*, você leu *garantir* ou *assegurar*? *Assegurar* não é? Tratar-se-á ...

Edna Porto: Eu li olhe... nós tínhamos, tratar-se-á de *estruturas estabelecidas* na psicanálise. Da última vez que nós lemos aqui estabelecemos dizer: tratar-se-á de *estruturas asseguradas* na psicanálise...

Paulo Medeiros: *Asseguradas*...

Edna Porto:...era mais conveniente em relação a versão que a gente construiu.

Paulo Medeiros: *Assurrées*, Eugênia ajuda aí Eugênia. *Assurrées*, *assurrées*...

Eugênia Menezes: *Assegurada*.

Paulo Medeiros: E onde você leu aí *assegurar*...

Edna Porto: Aí é o que?

Paulo Medeiros: *Garantir*. *Assurrées* e *garantir*. Eugênia! *Assurrées* e *garantir*...

Eugênia Menezes: Paulo, eu não estou muito afim desse ..(...).

Paulo Medeiros: Hein?! É, está bem. Preciosismo besta, né? Toca o barco.

Eugênia Menezes: Não eu digo, eu não estou muito afiada nas diferenças de linha não é, eu leio mais de uma forma, eu entendi o sentido da frase, aí quando eu não entendo o sentido da frase eu não entendo nada.

(risos)

Paulo Medeiros: Essa está ótima, foi ótima Eugênia, está bom.

(risos)

Edna Porto: Relendo a frase:

*"Tratar-se-á das estruturas asseguradas na psicanálise e de garantir sua efetuação no psicanalista.
Isto se oferece a nossa escola após a duração suficiente de órgãos esboçados sobre princípios limitativos. Não instituímos algo novo.."*

João Rego: Aqui está instituímos.

Edna Porto:... só no funcionamento...

Taciana Mafra: Estas já foram as coisas que a gente alterou da outra vez.

Edna Porto: Isso já é... da última vez. Eu já estou com o texto atualizado.

"Não instituímos algo novo senão só no funcionamento. Na verdade é disto que aparece a solução do problema da sociedade psicanalítica, que se encontra na distinção da hierarquia e do gradus. Produzirei no começo deste ano este passo construtivo: Primeiro produzi-lo, mostrá-lo a vocês. Segundo colocá-lo em situação de produzir o aparato que deve reproduzir esse passo nestes dois sentidos. Recordemos o que existe entre nós. Primeiro um princípio O psicanalista é autorizado apenas por si mesmo. Este princípio está inscrito nos textos originais da École e decide sua posição".

Essas correções todinhas que eu estou fazendo são propositais resultantes da nossa discussão, inclusive *École* que é nome próprio e a gente achou que não devia ser traduzido.

Paulo Medeiros: Não me lembro mais, o que foi que a gente discutiu sobre essa frase da vez anterior?

Edna Porto: Muuuita.. coisa, muita coisa, só foi isso que a gente discutiu. E você...

João Rego: São dois simpósios só sobre ela. Quatro meses só com esta frase.

(risos)

Edna Porto: Bem,

*"Isto não exclui que a École garanta que um analista depende de sua formação. Ela pode fazê-lo por si mesma **de son chef** e o analista pode querer esta garantia coisa que a partir de então deve necessariamente ir além, tornar-se responsável pelo progresso da escola, tornar-se psicanalista da sua própria experiência. Nesta perspectiva se reconhece que a partir de agora é a estas duas formas que respondem: Um, o analista membro da escola ou AME, constituído simplesmente pelo fato de que a École o reconhece como o psicanalista que deu suas provas".*

Everaldo Soares Júnior. Eu gostei dessa questão aí: Tornar-se psicanalista da sua própria experiência e não por exemplos.

Edna Porto: Tornar-se psicanalista de sua própria experiência.

Everaldo Soares Júnior... de sua própria experiência e não por exemplos, eu acho, isso legal.

Paulo Medeiros: Mas isso tem algo haver, é claro, isso é fundamental...

Edna Porto: Mas isso a gente já discutiu Júnior.

João Rego: Júnior, eu estou dizendo a Edna que essa foi a intervenção feita exatamente quando ela estava lendo isso há..., aí a gente tem que tomar cuidado com repetição, senão passa o ano com a mesma frase.

(risos)

Edna Porto: Shhhhi!!!Ave MariaVamos lá. Então,

" O AME ou Analista Membro da École constituído simplesmente pelo fato de que a École o reconhece como psicanalista que deu suas provas...",

Shhhhi!! (reclamando de conversas paralelas) Vai para diretoria!

Paulo Medeiros: Tá bem, eu vou.

Edna Porto: Você leu o texto?

Paulo Medeiros: Li.

Edna Porto: Então dê suas provas.

Paulo Medeiros: É o bedel hoje?

Edna Porto: É aquele, o bedel não, o pau.

Paulo Medeiros: [...] *de son expérience même*, [...] *de sua experiência mesmo*, quer dizer *de sua própria experiência*, que ele acentua. Eu só acho que a gente sempre deve repisar enquanto experiência de análise, da sua própria experiência de análise.

Antônio Augusto Maciel: Mas de que análise você está se referindo, a pessoal?

Paulo Medeiros: Pessoal, de sua própria análise, eu quero enfatizar isso...

Antônio Augusto Maciel: Não seria enquanto analista, não seria enquanto analista, seria enquanto...

João Rego: Analisante! Negócio de analista não está aqui não. Somos todos analisantes aqui heim Edna? Aqui somos todos analisantes, ou ex-analisantes.

Edna Porto: Não, analisantes sempre. Dessa posição nunca vai ...

Everaldo Soares Júnior.: Eu acho que de análise e de mais alguma coisa, não só análise. Eu prefiro que deixe a questão de sua própria experiência.

Edna Porto: Eu acho que nessa experiência há contido aí tudo que diz respeito a formação, mas que não precisa a gente destacar, ela assim *Experiência* ponto, eu acho bastante pertinente, não sair particularizando nada.

Bem, então:

O AME, o analista membro da École constituído simplesmente pelo fato de que a École o reconhece como psicanalista que deu sua provas, isto é o que constitui a garantia vinda da École distinguida em primeiro lugar. A iniciativa retorna também da École, em cuja base se é admitido unicamente por um projeto de trabalho sem distinções de proveniência ou qualificações. Um analista clínico não é registrado a princípio.

João Rego: Não é, um analista clínico não é?

Edna Porto: Não é registrado a princípio que a mesmo ...

Antônio Augusto Maciel: Só é.

Edna Porto: Espere aí deixe eu ler a frase toda, porque aqui tinha uma ambigüidade. Ave Maria! Hoje aqui tá brabo!
Olhe:

Um analista clínico não é registrado a princípio que a mesmo título com que se inscreve nela um médico, um etnologista e tuti - quanti “.

Antônio Augusto Maciel: (intervenção inaudível)...não é?

Edna Porto: É, porque... quer dizer, não tem, não tem quando chega lá não, antes das suas provas não tem como fazer o reconhecimento disso não. O reconhecimento não é pela cara do sujeito ou pelas proveniências ou as qualificações que ele possa apresentar se não dá para chegar e apresentar credencias e isso...

Paulo Medeiros: Sim, ele se apresenta como qualquer outro.

Edna Porto: Ele se apresenta como qualquer um, e o que vai dizer do reconhecimento da escola são outras coisas.

João Rego: Ele pode ser psiquiatra, o que seja, ali é tuti-quanti, tudo junto.

Edna Porto: (continuando a leitura)

Segundo: o AE ou Analista da École, ao qual se atribui ser daqueles que podem dar testemunho dos problemas cruciais nos pontos críticos em que se encontram para análise, especialmente na medida em que eles mesmos estão na tarefa ou pelo menos na via de resolvê-los”.

Que foi onde a gente se demorou bastante discutindo porque só tinha o jeito que era, esse problemas fossem os seus próprios.

Este lugar implica que se queira ocupá-lo, só se pode estar aí havendo se demandado de fato se é que não se o fez formalmente. Que a École possa garantir a relação do analista com a formação que ela ministra está então estabelecido, ela pode e portanto deve fazê - lo. É aqui que aparece o defeito a falta de inventividade para exercer um ofício, por exemplo, aquele do qual se vangloriam as sociedades existentes. Encontrando assim, caminhos diferentes que evitem os inconvenientes e os prejuízos do regime dessas sociedades. A idéia de que a manutenção de um regime como esse é necessária para regulamentar o gradus deve ser destacada em seus efeitos de mal estar. Este mal estar não basta para justificar a manutenção da idéia e menos ainda seu retorno prático. A existência de uma regra do gradus está implicada em uma escola e com certeza mais ainda que numa sociedade, pois afinal uma sociedade não tem necessidade disso quando não tem outros interesses além dos científicos, mas há um

real em jogo na própria formação do psicanalista, sustentamos que as sociedades existentes se baseiam neste real”.

Aqui ficamos da última vez.

João Rego: Me chamou atenção esse termo *"A escola possa garantir"*, lá em cima, no segundo parágrafo, *"que a escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela ministra"*. Essa questão de garantir é meio complicada, como é que se garante alguma coisa se o analista só se autoriza senão por si mesmo.

Eugênia Menezes: Garantir não é de autorização, é garantia de uma relação.

Antônio Augusto Maciel: De pertinência.

Eugênia Menezes: De pertinência, que foi o que a gente discutiu aqui agorinha.

Antônio Augusto Maciel: E não vamos dizer assim, o especialista formado perfeito....

João Rego: Mas aqui diz, *"que a escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela ministra, está então estabelecido, ela pode, portanto deve fazê-lo"*. Aí eu vejo uma contradição com a primeira frase do texto, *"o analista só se autoriza por si mesmo."*

Edna Porto: Mas aqui não está falando de autorização do analista.

João Rego: Não, mas aqui está falando de garantia.

Alguém: Garantia de quê?

João Rego: Garantia de Formação. Aqui está claro esta frase. Está claro a frase. Eu acho que aqui Lacan estava tentando institucionalizar a formação por mais iconoclasta que esta primeira frase seja, *"o analista só se autoriza por si mesmo"*, a segunda frase já coloca a instituição também no jogo dessa formação. Podem ver, e aqui nessa ele tenta definir, garantia mesmo, *"ela pode portanto deve fazer a garantia da formação do analista"*.

Eugênia Menezes: Ô João, não é um nem é outro, é uma relação.

Edna Porto: O que eu acho perigoso nessa frase, assim instigante, questionador é que diz que a escola ministra uma formação, isso eu acho interrogativo. Agora ao meu ouvido não pareceu que essa garantia havia,... estava também assegurada por esta frase, entendeu?

Taciana Mafra: Que esta garantia seja da formação.

João Rego: Eu acho que a gente está querendo desculpar muito Lacan.

Edna Porto: Agora ministrar uma formação, mas a gente precisa...

João Rego: Garantia é garantia minha gente, está muito claro. Vou repetir a frase: ... *que a escola possa garantir a relação do analista com a formação...*

Edna Porto: A relação do analista com a formação.....

João Rego: *Com a formação que ela ministra, então está estabelecido, ela pode portanto deve fazê-lo.* Essa discussão que a gente faz aqui no Traço como um espaço para a troca tal, mas que o essencial é a própria análise do sujeito para ele se autorizar como analista, esbarra nisso que ele está dizendo aqui. Eu percebo aqui, - talvez Lacan ainda imaginasse ser possível isto - ,... depois desse texto é reconhecido que a questão da institucionalização de passe fura, ele até reconhece depois que falha. Aqui havia nessa fase uma intenção mesmo da instituição fazer, ter parte integrante na formação do analista.

Edna Porto: Aí é outra coisa que você está dizendo, você está dizendo duas coisas.

Antônio Augusto Maciel: Ou João se você me permite, eu acho que aqui Lacan não está propondo uma ISO..9000.

João Rego: Eu posso desligar o microfone, agora você pode falar, sou eu e Antônio Carlos Magalhães. Vá diga.

Antônio Augusto Maciel: O que eu entendo é que eu acho que Lacan aqui não está propondo um ISO 97 para o analista, está entendendo? E sim mantendo a questão da relação do analista com a instituição que é isso que a instituição tem que garantir na questão da formação e não que ele vai...

Everaldo Soares Júnior: Ou **Augusto**, seria a relação de que? A relação da experiência própria, tão essencial a formação do analista com que a École possa oferecer: seminários, etc etc, estudos etc etc.

João Rego: O Paulo parece que achou ali alguma coisa que pode esclarecer..

Paulo Medeiros: Não venha apelar para mim não, vamos discutir.

Edna Porto: Espere aí, daqui a pouca a gente chega porque (...) atrás, ainda estamos onde João aponta que é garantir a formação do analista (...) com a formação.

João Rego: Mas, o que me chamou atenção foi o termo **garantir** entendeu Pedro, garantir. A instituição não garante nada.

Taciana Mafra: O fato de que ela existe, e que isto estabelece uma possibilidade.

Paulo Medeiros: Edna, por favor, releia a primeira frase.

Edna Porto: A primeira frase, olhe: "Tratar-se-á de estruturas asseguradas na psicanálise e de garantir sua efetuação no psicanalista".

Paulo Medeiros: Estruturas asseguradas na psicanálise. Das estruturas asseguradas na psicanálise. Não é assegurar o título.

João Rego: Essa estrutura implica a instituição? Até porque o analista sem a instituição fica meio isolado. (**Paulo Medeiros:** Você está se referindo ao psicanalista isolado como uma espécie de autista?) Que o Zuberman coloca, lembra. Mas, vamos ver se a gente passa da frase do real porque...

Edna Porto: Não, mas porque aqui, nessa frase que você chama atenção tem dizendo que a escola ministra uma formação e aí eu acho a parte perigosa dessa frase porque quem ministra é uma coisa de acadêmico, professoral.

Paulo Medeiros: Esse é o perigo, essa é ao meu ver a garantia e muito bem garantida, diga-se de passagem, do movimento milleriano, por exemplo, porquanto parece ser estritamente acadêmico e muito bem elaborado.

Edna Porto: Eu acho que aqui sim...

João Rego: Eu tenho a impressão ou Paulo, eu tenho a impressão que Lacan com essas duas frases ele não define nada é como ele deixasse áreas de intercessão soltas. No momento em que ele diz: *o analista só se autoriza por si mesmo*, ele dá essa quebra com hierarquia, com o papel da instituição, com poder... que a gente sabe como ela o exerce, e ao mesmo tempo também não solta tudo, ele joga esse papel da formação e deixa....., eu vejo um espaço meio nebuloso no meio dessas duas afirmações: nem a instituição garante tudo, o analista tem que ter a sua formação e a autorização própria dele e nem o cara sozinho sem a instituição também pode ser analista.

Pedro Leonardo: Eu concordo com você eu acho que o importante aí é a afirmação de que a instituição administra a formação. Agora essa contradição que você está vendo aí na frase inicial da autorização (...) autorização e formação, são coisas distintas. A afirmação inicial é só de autorização que aliás essa frase ela assim dessa forma não é isso não....Formação não é autorização, mesmo assim eu concordo com você que essa formação que a escola administra a formação (..) Eu concordo com você que há aí uma ambivalência, mas não na autorização.

Edna Porto: (Retomando a leitura do texto)

Mas há um real em jogo na própria formação do psicanalista. Sustentamos que as sociedades se baseia neste real”.

João Rego: Tirou o existente, as sociedades existentes (corrigindo).

Edna Porto: É eu não tirei não, engoli agorinha.

João Rego: (brincando) E eu estou riscando aqui em cima dos seus lapsos como se fosse correções do texto.

Edna Porto: Oh João, eu não existo rapaz e tu estás achando que eu existo. Não tudo bem.

“Partimos também do fato que parece verossímil de que Freud as quis assim como elas são”.

Antônio Augusto Maciel: Como é?

Edna Porto: “Partimos também do fato que parece verossímil de que Freud as quis assim como elas são”, as sociedades existentes, que se baseiam neste real.

“ O fato não é menos patente e para nós concebível que esse real provoque o seu próprio desconhecimento e inclusive produza sua negação sistemática. É claro então, que Freud assumiu o risco de uma certa paralisação”.

Antônio Augusto Maciel: Um minutinho só, seria denegação ou negação sistemática?

Paulo Medeiros: [...] *négation systématique* [...] Negação...

Edna Porto:(lendo)

“É claro, então, que Freud assumiu o risco de uma certa paralisação, talvez mais, que ele a tenha considerado a única proteção possível para evitar a extinção da experiência. O fato de enfrentarmos com o problema assim colocado não é privilégio meu é a consequência digamo-lo pelo menos para os analistas da École na opção que fizeram pela École. Eles estão nela agrupados, por não haver querido mediante um voto aceitar o que este implicava, a pura e simples sobrevivência de um ensino, o de Lacan”.

João Rego: Isto porque a Lacan estava proibida pela IPA de ensinar não era isso? De 54 a 64. A partir de 54 a IPA tinha desautorizado Lacan de ser analista didata alguma coisa assim, não é?

Antônio Augusto Maciel: Foi 54?

João Rego: Teve 10 anos no período de 54 a 64...

Edna Porto: Conta um pouquinho essa história Paulo para,.... você podia fazer um breve relato do que constituiu o motivo de haver (...) da École porque encontraram aí uma porta de saída da

IPA, porque isto se dá a partir de uma escolha, que escolha é essa? Porque João está aqui tentando precisar historicamente, eu acho que você podia fazer isso para nós.

Paulo Medeiros: Não eu prefiro remeter isso a outro texto, pra gente sempre trabalhar sobre textos. Essa história está muito bem contada em Elizabeth Roudinesco. Eu sugiro que seja lido, sobre este ponto, em Elizabeth Roudinesco.

João Rego: Mas o que eu estou colocando quando ele fala nesse parágrafo, que ele diz que as pessoas estão ali porque quiseram garantir a sobrevivência do ensino de Lacan, porque a partir de 54 quando tem a crise ele fica proibido, ele é desautorizado pela IPA a formar analistas. Ele não rompe, só vem romper 10 anos depois em 64. É só uma observação histórica.

Antônio Augusto Maciel: Laplanche só rompe com, não (...) mesmo porque, pelo que eu sei estou falando em nome próprio, Laplanche só rompe com Lacan em 68 quando ele escreve "Fantasia Originárias" eh!..., A Origem das Fantasias"...não lembro bem que é quando ele rompe, até no prefácio é até interessante que a uma oscilação sente que está rompendo com Lacan.

Paulo Medeiros: É porque a *excomunhão* foi em 64.

João Rego: O Lacan passou 10 anos na lista negra e não teve, não teve coragem para tomar a decisão de romper. E durante esses 10 anos ele era desautorizado a formar analistas em nome da IPA.

Taciana Mafra: Qual é a parte dessa história que está se tentando resgatar? É esse momento da École em que os analistas retornam a IPA com o voto de tirar Lacan, para voltar para IPA tem que tirar Lacan dessa lista. Esse ponto é o ponto anterior

Edna Porto: Vem cá João para dizer o ponto que você quer?

Pedro Leonardo: Não foi nem ele que encabeçou esse negócio. Eles fundaram outra instituição e ficaram aguardando, durante todo esse período, esperando o reconhecimento pela IPA. E ao final foi colocado que a IPA reconheceria o grupo como pertencente a IPA, com a condição que tirasse o nome de Lacan da lista.

Antônio Augusto Maciel: Essa é a condição que eles impõem: tudo, menos Lacan.

Taciana Mafra: Ele ia ser presidente da Internacional, aí tiram, e colocam (..) e botam ele como presidente da Sociedade de Paris. E aí Lagache.....

Edna Porto: Aquele seminário é muito bom. Chama a *excomunhão*. 64.

João Rego: Outra questão que eu queria colocar é em cima do parágrafo dessa página "O real que provoca o seu próprio desconhecimento, inclusive produz sua negação sistemática", isso para mim fica muito esquisito para entender, sabe? Como é que uma coisa de uma instituição que se reúne para produzir, transmitir um saber essa mesma instituição tem dentro dela alguma instância, que ele chama desse real que provoca o seu próprio desconhecimento, inclusive produz sua negação sistemática. Que desconhecimento é esse é uma...

Edna Porto: O que você estranha aqui? O que você estranha?

João Rego: Não, o que eu estranho é que essa frase é...- primeiro, para mim, quando bota real no meio do texto eu fico bastante revirado, sabe? Minha cabeça dá um nó arretado com real.

Edna Porto: É assim, quando bota o real no texto você se dá conta de que você está sempre revirado.

João Rego: Sempre revirado.

Edna Porto: Esse real aqui revira sempre.

João Rego: O objetivo é esse mesmo, é revirar, não é? O que eu vejo aqui é o seguinte, primeiro um conceito da dialética, uma coisa que tem em si a própria negação é dialética.

Antônio Augusto Maciel: A dialética vai para síntese, a psicanálise não se propõe a síntese

João Rego: Não, não. **Augusto** eu não estou querendo falar da psicanálise ou da síntese eu estou querendo entender essa frase da forma mais microscópica possível. Uma coisa, qualquer que seja essa coisa, que dentro de si mesma carrega e constrói e persevera na sua negação esse é o processo da dialética, só isso.

Everaldo Soares Júnior: Oh João, no **Seminário 1**, Lacan faz essa relação assim: “o desconhecimento não é ignorância”, a relação não é conhecimento x desconhecimento, a relação é verdade e ignorância, aí a questão do real, certo?

João Rego: Certo, então no caso aí esse desconhecimento é uma espécie de um pano de fundo de alguma coisa que se constrói para tentar conhecer?

Everaldo Soares Júnior: Se você colocar esse desconhecimento ou esse conhecimento do lado do saber a gente vai cair na questão do **eu**, na questão do **imaginário** e se colocar a questão com a relação como Lacan coloca, no **Seminário 1**, de verdade e ignorância vai ser **simbólico** e **real**.

João Rego: Ótimo

Edna Porto: Não tem como conhecer esse real, não tem como conhecer esse real não. Lacan diz no seminário do Le Sinthome que o real quando se apresenta, se apresenta como fogo, mas fogo frio porque até esse fogo é máscara.

Antônio Augusto Maciel: Você pode falar dele, mas não chega até ele.

Pedro Leonardo: Ele é constituído, ele é constituído. O real não é para ser conhecido não, ele é o constituído na posteridade do simbólico. (**João Rego:** Après coup) É algo desconhecido, então não é algo que vai ser conhecido. Algo que está lá para vir a ser, não é nada disso.

Edna Porto: Inclusive a ordem na cadeia borromeana é S I R.

João Rego: Eu acho importante o que você está colocando aí, ele é desconhecido porque nesses dois parágrafos que é exatamente na formação...

Pedro Leonardo: O que o constitui é o desconhecido.

João Rego: ... e aqui o Lacan está colocando que há o real na formação e esse real na instituição psicanalítica.

Taciana Mafra: Por mais simbólico que possa haver é sempre uma fase....

Everaldo Soares Júnior: Ele (...), é desconhecido, é, ser desconhecido, não tem desconhecido x conhecimento.
Augusto

Antônio Augusto Maciel: Veja bem, quando se diz, aí eu pergunto, que ele é desconhecido, ele seria daquela ordem do porque, vamos dizer assim, do que é dado a saber do incognoscível? Que falavam os filósofos? Ele não é incognoscível.

Pedro Leonardo: Não, ele não é desconhecido **Augusto**, ele é desconhecimento, está entendendo? Desconhecido não é adjetivo do real, é substantivo. O real é desconhecimento, acabou. Não é qualidade do real ser desconhecido, entendeu, é substantivo.

Taciana Mafra: E é aquele grande equívoco na leitura de Freud achar que a análise faz essa tradução.

Edna Porto: Isso dá a clínica interpretativa.

João Rego: Oh Pedro, eu posso inferir que isto é uma grande porrada na questão de um certo narcisismo do sujeito achar que agora eu sou analista ou agora nossa instituição, boa instituição que transmite o saber psicanalítico.

Pedro Leonardo: "Agora eu sei !! Não há mais real" É muita pretensão.

Edna Porto: (retomando a leitura)

"Todo aquele que alhures siga dizendo que se tratava da formação de analistas mentiu, pois bastou que si votasse no sentido querido pela IPA para obter seu ingresso nela a todo vapor, com a ablução recebida por um curto tempo de uma sigla made in english (não se esquecerá o french - group). Meus analisados, como se diz, até foram especialmente bem vindos e o seriam ainda se o resultado pudesse ser o de fazer-me ficar calado.

Isto é recordado todos os dias a quem quiser escutar.

É então a um grupo para o qual meu ensino era suficientemente precioso, inclusive essencial a ponto de que cada um, deliberando, tenha marcado preferir sua manutenção à vantagem oferecida - isto sem ver além, da mesma forma que sem ver além, eu interrompia meu seminário depois do mencionado voto -, é a esse grupo com dificuldades para encontrar uma saída que eu ofereci a fundação da École.

Esta escolha decisiva para os que estão aqui, assinala o valor da aposta. Pode haver aqui uma aposta que para alguns tenha o valor suficiente a ponto de ser-lhes essencial, e que é o meu ensino.

Se dito ensino é sem rival para eles, o é para todos, como demonstram aqueles que se lançam aí sem ter pago seu preço, ficando-lhes suspensa a questão do lucro que lhes é permitido.

Sem rival aqui não quer dizer uma estimativa, mas um fato: nenhum ensino fala do que é a psicanálise. Em outros lugares, e de forma explícita, só existe a preocupação de que esta seja adaptadas as normas (elle soit conforme).

Existe solidariedade entre a pane, os desvios que mostra a psicanálise..."

Antônio Augusto Maciel: Esses as normas, são as normas societárias, quer dizer, de cada sociedade e não as normas do social.

João Rego: Não aqui eu acho que ele está se referindo a IPA.

Antônio Augusto Maciel: Sim, eu digo as normas societárias e não do social, da sociedade, (..) o analista que "conforma" a pessoa a um determinado *status quo* social, aqui ele está se referindo as normas societárias (..) as leis de cada instituição, quer dizer, lógico a grande seria IPA vamos dizer, nesse sentido que ele falou aí. Não a sociedade geral, mas as sociedades psicanalíticas...

João Rego: O que eu percebo que ele está colocando aqui é que a IPA continua sediando ...

Edna Porto: Eu acho que a gente tem que pegar o parágrafo todo, porque ele faz uma afirmação que nenhum ensino fala do que é a psicanálise e depois ele coloca ênfase numa outra coisa que são as normas. Então ele está fazendo aí uma discussão de como bordejar a questão do que é uma formação.

Taciana Mafra: Esse rival que ele fala no início, "o dito ensino é sem rival para eles.."

João Rego: Os alunos que seguem ele consideram ele melhor, ele Lacan sem rival, agora o que ele diz esse rival...(...) ele não está dizendo isso?

Taciana Mafra: Então não é sem rival, se considera-se melhor, não pode ser sem rival, marcou um rival essa hora.

João Rego: Sim, mas o que ele diz aqui, é que esse rival que ele se refere não quer dizer uma estimativa, mas um fato. É um rival porque foge a esse ensino das normas e tal. O que eu percebo aqui nesses três ou quatro parágrafos, é que ele está fazendo de novo uma história para quem quiser ouvir, vai sempre ouvir isso, eu acho que ele ficou repetindo sempre assim....

Edna Porto: Eu acho que é sem rival porque não é ensino, sabe?. Eu acho que é sem rival porque não é ensino.

Paulo Medeiros: Porque não é ensino.

João Rego: Não é estimativa, não é que ele está dizendo que é o melhor não.

Edna Porto: Não, é porque não há ensino na psicanálise. Em outros lugares este fato é tratado fazendo um deslocamento dessa impossibilidade de ensinar para uma construção de normas, de normas, de um burocracia, de um hierarquia, de uma...

Antônio Augusto Maciel: Então é são as normas societárias, quer dizer, societária, das instituições, não uma norma do social, quer dizer, fazer o cara maluquinho ficar de acordo. Ele se torna mais maluco ainda.

João Rego: É norma da instituição mesmo que ele está se referindo.

Edna Porto: Pois é eu posso muito bem enfrentar, enfrentar sem reparar que a questão que a psicanálise não é,...que o ensino não fala da psicanálise recomendando: leia tantos seminários, venha tantas vezes por mês e traga um trabalho escrito sobre o seminário, tal, tal, tal, como se fosse uma burocracia acadêmica, isso é tamponar desse jeito.

Antônio Augusto Maciel: Eu fiz duas vezes o catecismo.

João Rego: Tu fizestes, aonde?

Antônio Augusto Maciel: (inaudível)

João Rego: Então fala um pouco sobre isso

João Rego: Agora esse "não há ensino". Nenhum ensino fala do que é psicanálise é por conta do real que nós discutimos anteriormente. Eu não estou afirmando, eu estou provocando. Quando ele diz "nenhum ensino fala do que é a psicanálise" aí eu vejo aqui nessa frase de novo esse real como desconhecimento, é verdadeiro? é vero ? **Augusto** o que eu estou dizendo?

Antônio Augusto Maciel: E eu sou o dono da verdade.

Edna Porto: Aí caberia a gente perguntar o que é a psicanálise aqui, não é? Se é a psicanálise é a teoria psicanalítica, se a psicanálise é essa coisa que o psicanalista que está reconhecido.. por exemplo: o que que a psicanálise? É o que aquele fulano faz, enfim eu acho que é há uma singularidade aqui que a gente podia se demorar um pouquinho, para ver porque que o ensino não pode falar da psicanálise, o que é que faz com que seja assim?

Gedalva Rapela: Considerando que a nossa instituição é o Traço em todo esse percurso, (...) tudo isso não nos garante quais são os analistas que estarão formados daqui a três anos, daqui a quatro anos, daqui a cinco anos, não é isso? Porque é diferente esse lugar.

Paulo Medeiros: Também isso, é verdade.

Eugênia Menezes: Não entendi, repete aí por favor

Gedalva Rapela: Não? Eu não disse claro, eu acho que eu entendi tão bem, talvez não tenha dito.... Essa instituição, vamos sair de tão longe e vamos para mais perto, essa instituição onde nós nos encontramos não nos garantirá que daqui a quatro anos **Gedalva Rapela** seja analista, João seja analista, ou outros mais sejam. Alguns serão num tempo muito particular, porque não é só a instituição por mais fecunda que ela seja que vai garantir isso.

João Rego: Ela não garante nem que quem é analista vai continuar sendo.

Gedalva Rapela: Que não pode garantir tal como um ensino, como um ensino de graduação, ela difere muito nisso e além disso cada uma dessas pessoas, tem umaterá aqui uma experiência singular, juntando não só a sua análise como também o envolvimento e o aprofundamento e o entendimento que ela vai ter de todos esses momentos de estudo.

Everaldo Soares Júnior: Arretado!

João Rego: "Depois de mim o dilúvio, não é Júnior?"

Antônio Augusto Maciel: Eu entendo o seguinte,.... nessa coisa da formação. Não existe analista formado, se a pessoa se diz um "analista formado" para mim esse sujeito, acabou, é uma coisa contínua você está sempre em formação.

João Rego: É eu acho isso muito bom que você está dizendo porque isso difere e eu acho que separa o lacaniano de muita instituição dessa aí, eu tenho um colega meu...

Edna Porto: João muito cuidado nesta idealização do Lacaniano porque o que a gente também percorre de terreno imaginário.

João Rego: É complicado, porque eu encontrei um amigo: " Ah rapaz, minha esposa terminou a formação dela o ano passado". Aí eu,.... terminou a formação? Bom aí você já, claro eu não quis ser indelicado de perguntar como foi que ela terminou e tal porque eu já percebi que tinha alguma coisa haver com essa questão desse saber burocrático, esse saber que dá o diplominha e tal.

Pedro Leonardo: Devia ter perguntado: o que foi que houve com ela? Decepcionou-se? Adoeceu? (risos) Está desgostosa não quer mais saber de psicanálise.?

Rachel Bastos: Porque funciona dessa forma, porque funciona de fato assim. Algumas instituições nessa cidade atuam dessa forma. Para você entrar, você tem que fazer três entrevistas, ser submetida a uma comissão com dez membros para lhe analisar. E terceiro: e tem que apresentar um trabalho escrito aberto ao público com a comissão científica para avaliar, para saber se você entra ou não entra. E tem mais, depois diz que você não entrou e não diz porque, ninguém sabe.

João Rego: É instituição Lacaniana? Minha pergunta é essa, vamos devagar com esse imaginário do Lacaniano, essa instituição é Lacaniana?

Rachel Bastos: Não.

(todos querendo falar ao a mesmo tempo)

Everaldo Soares Júnior: Um momento aí, um momento aí, olhe. Eu acho que Gedalva colocou a questão mais perto, certo? É muito fácil vez a idealização dos outros. Gedalva está caindo..... aqui a nossa própria idealização, por parte de princípio que nós tomamos como exemplos não cairemos como se fossemos vacinados: "esse mal não nos atingirá", ela é uma questão das estruturas, como Lacan está falando. Então as nossas próprias idealizações é que são importantes. É muito fácil ver a idealização de outras instituições, mas o processo de idealização de outras instituições ou de membros de outras instituições com diploma ou não, não difere das estruturas a que essas idealizações que nós nos confrontamos com ela ou nós as criamos existam entre nós. É por isso que eu acho que Gedalva trouxe para cá, para mais perto como ela falou. E aí a nossa própria resistência, a nossa própria idealização, eu acho que isso é que é mais pertinente. Se não é, eles são imaginários egóicos e nós somos do simbólico ou do real. Não é isso.

Edna Porto: Esse negócio é simétrico. Esse purismo ou é assim ou é assado, você é feio eu sou bonita, esse negócio é simétrico se a gente não cuidar. Eu acho que você está me paquerando.

João Rego: Essa vai sair gravada, vou botar em negrito essa frase viu, vou botar em negrito.

Edna Porto: Tem que cortar, o homem é casado.

João Rego: Então eu boto Sr. A, eu boto entre parêntese (uma sutil cantada).

Paulo Medeiros: Uma perguntinha aí. Eu quero a ajuda da Eugênia. Eugênia! Cadê tu? Há solidariedade entre.? [...] *Il y a solidarité entre la panne*, [...]

Edna Porto: Entre a pane, os desvios e a hierarquia.

Paulo Medeiros: Pronto. Eugênia ajude-nos aí: a *panne*? Pode ser outra coisa, porque a *panne*, pode ser assim tipo a *laia*, a *gentalha*, a *panne*? O que que é a *panne*, com dois enes; a *panne* não deve ser *pane* não.

João Rego: Pane, é Paulo, faz sentido aqui, um sentido até muito bonito por sinal, a solidariedade da pane, ou seja, na hora que a coisa está afundando.....

Edna Porto: Mas, não foi a pane não, foi entre a pane, espere aí.

João Rego: Na pane, então todo mundo tem que se ajudar aí no caso.

Antônio Augusto Maciel: E ninguém precisa de ajuda rapaz, é cada um por si e Deus por todos!

Paulo Medeiros: Eu acho que *panne* aí tem outro sentido...Eugênia, como é? Tem o sentido de laia? gentalha?..

Eugênia Menezes: Galera, multidão.

Paulo Medeiros: Galera, a *panne*, galera. La *panne* não deve ser a pane. Não é.

Antônio Augusto Maciel: Podia ser massa não é?

Paulo Medeiros: Massa, galera, acho que galera pega melhor. Reparem, vou ler. Repare só, Eugênia, eita! Perdi. Ouça: *Il y a solidarité entre la panne*. Há solidariedade entre a galera, não é não? Quer dizer, galera é um termo nosso.

Eugênia Menezes: Membro de um grupo.

João Rego: Membro de um grupo, está bom.

Paulo Medeiros: Não, membro de um grupo, isso é coisa para

João Rego: Não tem um dicionário não?

Paulo Medeiros: Não, se eu e Eugênia não soubermos você não vai encontrar no dicionário.

(risos e assobios)

Edna Porto: É o poder absoluto.

Antônio Augusto Maciel: O Larousse lascou-se em Paulo, o Larrouse, se não tem em Paulo, não tem no Larrouse.

Eugênia Menezes: Nós somos consultores do Larrouse, não é Paulo? Eu vou trazer o dicionário para cá.

Antônio Augusto Maciel: Eu como não sei francês, mal sei português.

Edna Porto: Não sei que pane é essa. Pane é o problema que dá no avião, é o motor... espere aí, a relação é pane, desvios, hierarquia a solidariedade entre essas coisas. Agora o que eu não entendo é o que seja a pane da psicanálise o que ele está indicando com este nome, se é que é pane. Os desvios está certo, a hierarquia também dá para acompanhar, agora a pane da psicanálise é o que.

João Rego: Pane é essa quebra, essa denúncia que ele faz.

Edna Porto: Mas pane é a impossibilidade de funcionar, não funciona não quando está em pane.

João Rego: Ele está dizendo que a IPA está impossibilitada de funcionar como transmissora desse saber.

Edna Porto: Não, ele não está dizendo isso não.

Paulo Medeiros: Ouçam, vamos ver, como foi que você disse?

Edna Porto: Existe solidariedade entre pane, desvios e hierarquia.

João Rego: Está claro Paulo?

Gedalva Rapela: Se antes vocês estivessem estudando num lugar (..) não existia aí uma pane e ao mesmo tempo uma solidariedade?

João Rego: Gedalva, eu estou vendo, só um momentinho, por favor eu posso, eu gostaria...(todos falando ao mesmo tempo)

Gedalva Rapela: Eu dei um exemplo da minha experiência, eu entendi isso da seguinte forma: aprendendo, estudando esse ensino não correspondendo ao que eu estou entendendo hoje, é como se eu estivesse numa escola onde os que lá se encontram e toda essa hierarquia ensinassem assim, porque assim acreditavam e isso é que eu estou entendendo que é a pane desse, solidariedade, eu não posso não ser solidária se eu estou ensinando algo que eu acredito como certo, então eu sou louca.

(tumulto, todos querem a palavra)

Eu já falei que quando uma emoção me toca eu falo, se me pedirem para responder, talvez eu não saiba dizer igual.

João Rego: Por favor, olhe, se a gente observar o parágrafo, vá fale, eu estou na vez depois de você eu falo. Rapaz espere aí, nós entramos em pane agora, faz dez minutos que a gente está em pane.

Eugênia Menezes: Eu posso passar até a vida toda em pane, eu estou em pane desde que nasci menino. Ôxe! (tomando o microfone nas mãos) Olhe, o seguinte quando você falou em pane a primeira vez até que eu estava na sua, está certo? Mas, quando você retomou, que você disse que estava em um ensinamento que se achava que era, vamos dizer, certo entre aspas e tal e que depois a pane voltou ao cenário, a pane tinha surgido de uma, de uma introyção de um conceito de valor no seu conhecimento anterior, foi isso que eu entendi e aí eu não concordo. Entenderam o que eu disse ou não? (Augusto: Eu não entendi nada do que você falou) Pronto você acha que Gedalva não falou que desse a entender o que eu entendi. Pronto então clareou.

João Rego: Eu posso falar agora, eu estou com o microfone aqui dando uma de DJ. (voltam todos a discutirem). Por favor, eu queria chamar a atenção para o parágrafo que se a gente ler ele todo vai ser entendido claramente. (risos) Vai, preste atenção: " ... existe solidariedade entre a pane, os desvios que mostra a psicanálise", essa é pane que ele está se referindo (nnãããooo!!). Espere aí rapaz, calma! Calma! "Existe solidariedade entre a pane" vírgula, "os desvios que mostra a psicanálise", essa é a pane, e a hierarquia, a solidariedade que existe é entre a pane e a hierarquia que nela reina, deixe eu concluir o parágrafo, "e que nós designamos " aí a ironia dele, "benevolentemente", ironizando, "nós a conciliaremos como a de uma cooptação de sábios". Ele está gozando, ele está zombando com o pessoal que diz que é sábio, está em pane e essa pane é causada pela hierarquia. (é não João) Essa é a minha interpretação.

Taciana Mafra: João, deixe de gozar a gente.

Paulo Medeiros: Não entre em pane não.

Paulo Medeiros: ... Justamente pelo que você disse ... é que eu estou (...) pane, porque a solidariedade aí teria o sentido de solidariedade entre alguns.

Pedro Leonardo: Conluio, conluio perverso.

Antônio Augusto Maciel: Essa é a forma irônica de Lacan falar, é uma forma absolutamente irônica.

Everaldo Soares Júnior: É algo semelhante a questão da Psicologia das Massas e Análise do Eu. Traços libidinais entre os grupos.

Edna Porto: É porque inclusive cooptação de sábios é essa coisa, vamos tratar do que a gente sabe e o que tiver ruim a gente faz de conta que não existe.

Antônio Augusto Maciel: O resto a gente coloca embaixo do tapete.

Everaldo Soares Júnior: Então eu acho que essa pane, essa galera é uma galera em crise que os traços libidinais as une diante de uma pressão hierárquica.

Paulo Medeiros: Está bem Júnior. Eu acho que é por aí, por isso é que estou dizendo que no meu entender *panne* não é pane, *panne* tem o sentido este, de massa, de grupo.

Everaldo Soares Júnior: Não só, não só está implícito na galera, na turma, mas toda uma efervescência de um traço libidinal que solidariza-se diante de uma hierarquia para vencer essa coisa, essa (...). (Taciana e Edna em uníssono: é não, é não, é não...) Eu estou levando para...

Edna Porto: Porque ficar surpreso, é uma língua bastante difícil.

Eugênia Menezes: Ainda mais tradução, tradução.

João Rego: Eu acho que o parágrafo está mais do que claro.

Edna Porto: Você não acha não?

João Rego: É isso que Júnior falou aí. Está cristalino. Este parágrafo está cristalino para mim. O que Júnior colocou está ligado com e o que Gedalva colocou, o que ele falou.

Edna Porto: O pessoal está provocando (...) o rapaz está arrancando os cristalinos porque os dele não prestam, porque está tudo (...).

João Rego: Mas é isto, isto é uma gozada irônica de Lacan. Uma gozada irônica.

Edna Porto: Augusto acabou de arrancar os olhos ali.

João Rego: É uma gozada irônica que ele chama de cooptação de sábios em cima de uma hierarquia em pane, que não serve de nada para psicanálise.

Paulo Medeiros: Mas é essa cooptação em relação a *panne*, la *panne*, parece ser isto.

Edna Porto: Olhe, lendo o parágrafo "Existe solidariedade entre a pane, os desvios que mostra a psicanálise e a hierarquia que nela", a psicanálise, "reina e que nós designamos benevolmente nós a conciliaremos como a de uma cooptação de sábios".

Paulo Medeiros: Justamente essa cooptação, ao meu ver, que designa la *panne*. E *há solidarité entre la panne*, quer dizer, essa solidariedade entre a galera, a grei, a massa é uma cooptação de sábios, é nesse sentido.

Antônio Augusto Maciel: Estou vendo que o seu texto é completamente diferente.

Eugênia Menezes: Eu vou comprar um dicionário de francês.

Edna Porto: Eu vou ler de novo

João Rego: E a gente depois pula para outra

Edna Porto:

"existe solidariedade entre tcham tcham tcham.....entre a massa, os desvios que mostra a psicanálise e a hierarquia que nela reina e que nós designamos benevolmente nós a conciliaremos como a de uma cooptação de sábios. A razão disso reside em que esta cooptação promove um retorno a um estatuto de prestância conjugando a pregnância narcisista com a astúcia competitiva. Retorno que restaura pelos reforçamentos da heresia aquilo que a psicanálise didática tem por fim liquidar. É o efeito que põe suas sombras sobre a prática da psicanálise cuja terminação, objeto e inclusive meta se revelam inarticuláveis após meio século pelo menos de experiência continuada. Remediá-lo entre nós deve fazer-se a partir da comprovação do defeito..."

É mais está na hora de você ficar bêbado mesmo.

"Remediá-lo entre nós deve fazer-se a partir da comprovação do defeito que assinala longe de pensar em ocultá-lo. Mas é para tomar neste defeito a articulação que falta".

Manque, não é? Defol, sim falta é que é manque.

João Rego: Defeito é pane.

Eugênia Menezes: Todo defeito é pane é? O carro deu uma pane, vai que o avião...

Edna Porto: Vamos lá, o teeeeeexto!

“Ela não faz outra coisa que recortar o que se encontrará em qualquer lugar em que é sabido desde sempre, não é suficiente a evidência de um dever para cumpri-lo. É pelo viés de sua hiância que ele pode ser posto em ação e o é todas as vezes que se encontra um meio para usá-lo”.

O que foi Jr?

Everaldo Soares Júnior. Eu gostaria de um bis nessa frase, ela é ótima, repete aí, em alto e bom som.

Edna Porto. É, eu acho que começa lá em cima, olhe!

“É o efeito que põe sua sombra sobre a prática da psicanálise, cuja terminação, objeto, e inclusive meta se revelam inarticuláveis após meio século, pelo menos de experiência continuada. Remediá-lo entre nós deve fazer-se a partir da comprovação do defeito que assinalei, longe de pensar em ocultá-lo. Mas é para tomar neste defeito a articulação que falta. Ela não faz outra coisa que recortar o que se encontrará em qualquer lugar em que é sabido desde sempre, não é suficiente a evidência de um dever para cumpri-lo”.

Everaldo Soares Júnior: Grifa aí, "não é suficiente a evidência de um dever para cumpri-lo", prossiga.

Taciana Mafra, Esse ela é o que?

Edna Porto. Ela, ela a manque, a falta.

“É pelo viés de sua hiância que ele pode ser posto em ação e o é todas as vezes que se encontra um meio para usá-lo”. É pelo viés de sua hiância que ele o dever... É pelo viés de sua hiância que ele pode ser posto em ação e o é todas as vezes que se encontra o meio para usá-lo”.

Eu penso sempre quando eu chego nesse ponto do texto, depois de ter passado pelos outros anteriores, eu penso sempre que a psicanálise esbarra de uma forma continuada tanto cristalizada na dificuldade de passar do terreno que lhe é próprio e que é absolutamente singular para qualquer coisa que seja plural. Qualquer pluralização parece impossível. Então percorremos caminhos, e até construímos coisas nesses caminhos, mas a custo de perde na psicanálise o que ela tem de essencial. É como se a gente não conseguisse passar por cima desse obstáculo, não soubesse como, não encontrasse a maneira de retornar, porque a formação de um analista é formar alguém, é formar...., é muito ruim de dizer essa frase assim, mas, não, assim, é formar um agente de um determinado tipo de ação. Só que essa ação é intransmissível porque não é da ordem de algo que possa ser repetido. Então nesse ponto mais radical dessa ação a gente encontra uma singularidade tal, que não é possível nem sequer dois, quanto mais formar.

Everaldo Soares Júnior. Não é da ordem do exemplo, eu acho que é da experiência própria, não é da ordem do exemplo é da experiência própria. Não é essa questão do dever e reconhecer dele que as coisas chegam ...

Edna Porto. E é isso, só concluindo...

Everaldo Soares Júnior. ... que ele (..) que dessa repetição se faça numa universalização, mas se faça no caminho próprio das experiências de cada um.

Edna Porto. Pois é, mas aí só concluindo o raciocínio que eu estava compondo e que você não arredou dele não. É que aí dever a ser cumprido é alguma coisa de uma espécie de enganação, porque na verdade essa ação em sua instância prima ela só pode ser, não é entendida,.... mas

ela só pode ser bordejada a partir do desejo, no caráter imperativo, não de um dever a ser cumprido, mas no caráter do que falta, o imperativo do que falta, o que ele chamou aqui de hiância. Gastei tudinho por hoje.

João Rego: Gastou tudinho por hoje.

Edna Porto: Gastei tudinho de hoje, depois dessa eu só aceito proposta de casamento.

(risos)

Gedalva Rapela: Eu estou dizendo que do que você disse você aceita do meu entendimento eu achei muito bom o que você falou.

Edna Porto: Aí o passo que a frase dá é de, no momento em que a gente pode tentar fazer a torção de transformar desejo em dever, é onde ele vai introduzir. É o que ele vai fazer agora é mostrar de que maneira essa manobra faz com que a gente como que tente se desviar do caráter imperativo de falta, que é o que move a ação, qualquer ação, não é só a do analista não.

Antônio Augusto Maciel: Não sei se teria alguma coisa a ver , mas num livro sobre ética e direito, a pessoa eu não me lembro agora, ela diz que o homem (..) o único constrangimento entre o dever e o desejo seja no sentido do dever Kantiniano ou no desejo Freudiano. É Margarete, é uma Margarete eu já me esqueci, não quis casar com ela aí o ...

Paulo Medeiros: Isto tem uma implicação na moral Kantiana, idealista.

Antônio Augusto Maciel: Eu achei essa frase dela, eu pensei assim...

Edna Porto: Até porque, o imperativo categórico de Kant é levar a ação a universalização máxima. Ele diz assim: que toda sua ação possa ser definido por uma máxima universal.

Antônio Augusto Maciel: Lógico, as estrelas do céu como um imperativo categórico há em todos nós, assim quer dizer a grosso modo.

Paulo Medeiros: Talvez seja esse *dever* uma relação ao imperativo categórico Kantiano, idealista.

Edna Porto: Continuo aqui?

“Para introduzír- los nisto me apoiarei nos dois momentos da conexão do que chamarei respectivamente nessa dedução de psicanálise em extensão, quer dizer tudo que resume a função de nossa escola, na medida que presentifica a psicanálise no mundo e a psicanálise em intenção, ou seja a didática, na medida em que não faz outra coisa que preparar aí operadores.”

Antônio Augusto Maciel: Para mim uma coisa que eu nunca consegui entender direito psicanálise em extensão, intenção, eu gostaria quem...

Paulo Medeiros: Leia a Gazeta anterior que tem um artigo do Luiz Olyntho a respeito disto.

Antônio Augusto Maciel: Bom, mas vocês não podiam nem dar uma canja?

Taciana Mafra: Uma sinopse.

Eugênia Menezes: Psicanálise em intenção é divã e psicanálise em extensão é isso que a gente está fazendo. É isso que a gente está fazendo, é relacionar com outra ciência.

João Rego: Acho que a psicanálise em intenção está ligada a essa questão da função de ser analista. A extensão eu entendo que é a psicanálise para aplicar a outras áreas do conhecimento.

Edna Porto: Eu penso assim, deixa eu dizer o que eu penso antes de eu esquecer, eu esqueço é muito, eu penso que a psicanálise em extensão, a palavra extensão de estender, de ampliar, de espalhar no mundo...

João Rego: Psicanálise aplicada, psicanálise aplicada a ...

Edna Porto:... e psicanálise em intenção é intenção de propósito.

João Rego: É o divã, é o que Eugênia disse, é o divã.

Edna Porto: Olhe só, vamos ver a frase.

Paulo Medeiros: [...] *Intesion* [...] ... de uma tensão

João Rego: O livro que você citou Direito e Ética é a psicanálise em extensão.

Edna Porto: É com s, então é porque eu estava pensando com c.

João Rego: Lembro agora que você me falou sobre esse "s", que podia ser com s mesmo. Entre tensão é, intension?

Edna Porto: Mas porque que ele diz que psicanálise em intensão é a psicanálise didática?

Pedro Leonardo: Intensão, na transferência, tensão na transferência

Eugênia Menezes: Eu acho que saiu das quatro paredes...

Antônio Augusto Maciel: Saiu das quatro paredes é extensão.

Gedálva Rapela: Se vocês conseguirem continuar lendo o texto eu discordo. Continuando a leitura do texto ele diz: "...na medida, é a psicanálise em intenção, ou seja didática, na medida em que não faz outra coisa que preparar aí operadores".

Everaldo Soares Júnior: Vamos rever essa questão da intenção como um ato do preceito e não do conceito.

Paulo Medeiros: Alô! (pegando o celular) Esperem aí. Lacan? Alô! Lacan? C'est le grand mot de Lacan. Escutem. (Ao telefone celular). Ah, oui, bien sûr, ah... bon. Ah, oui, nous... Merci M. Lacan.

Edna Porto: (rindo) Já estão todos bêbados.

Gedálva Rapela: Eu estou levando, a palavra, me leva a pensar nessa psicanálise didática como aquela questão do controle, não a análise (..) se eu estou certa (...) a palavra está colocada limitando a profundidade da questão, então não é análise em intenção.

Edna Porto: Não, eu acho que o que está apontado aí é uma coisa com uma especificidade difícil de situar até, porque a gente parte do suposto que não há diferença, mas será que não há, entre a análise de alguém que não tem nenhum propósito de se tornar analista e análise de alguém que tem esse propósito que isto está posto na sua cadeia de significantes, então isso não cria uma tensão, uma tensão, uma tensão particular para esta análise, não será isto?

Everaldo Soares Júnior. Eu acho que tem um elemento complicador, se essa análise em intenção seria a análise pessoal ou seria uma análise exemplo, didática enquanto preceito de uma formação?

João Rego. Eu entendo essa extensão análise aplicada as outras áreas.

Edna Porto. Não tem essa análise, não tem que ser análise, não é análise.

Pedro Leonardo. Não há análise para isso nem para aquilo, análise é análise

Paulo Medeiros. Como é que a gente vai, ... por exemplo, voltando ao que Gedalva falou, enquanto ela falava eu estava me lembrando daquela célebre - já se tornou aforismo lacaniano - frase onde ele disse ser toda análise, análise didática, não devendo haver aí distinção.

Edna Porto. Pois é mas porque ele diz que há uma preparação de operadores, o que é, que referência é essa, o que é isso?

João Rego. Quem são os operadores, quem são os operadores?

Eugênia Menezes. Operadores para operarem em intensão.

João Rego. São futuros analistas, você quer dizer.

Edna Porto. Essa é parágrafo até, essa palavra está num parágrafoôh!! em plural, complica muito isso aqui.

Everaldo Soares Júnior. Eu acho que uma divisão mais simples de que análise em intenção seria o indivíduo e a extensão seria a transmissibilidade dela, do ensino, da instituição, etc eu acho que é uma coisa muito simplificadora.

Paulo Medeiros. Não, não Júnior. Porque a própria transmissibilidade deve ser discutida.

Pedro Leonardo. A transmissibilidade é no divã.

Pedro Leonardo. Análise em extensão é a aplicação do instrumental psicanalítico nas áreas de conhecimento.

João Rego. Como tem na verdade, psicanálise e cinema, psicanálise e literatura.

Antônio Augusto Maciel. Então esse termo de análise didática é uma basbaquice.

Pedro Leonardo. Para Lacan toda análise é didática, análise didática da IPA é outra coisa, é outra coisa, mas ele não está criticando isso,.... porque para ele toda análise é didática então ele fala análise (..).

Antônio Augusto Maciel. E a transmissibilidade.

Pedro Leonardo. É por aí.

Paulo Medeiros. Aliás quando o sujeito que,eu me lembrei (...) supervisão também. Inclusive uma vez Pedro fez uma referência ótima sobre isso: o sujeito disse a ele que eu havia terminado a análise didática. Então Pedro lhe perguntou: E quando você vai começar a sua? Entendem? Quer dizer, quando é que você vai começar a sua?...

Everaldo Soares Júnior. Acho bom a gente desfazer essa complicação do texto, (...) temos que clarificar alguma coisa.

Paulo Medeiros. Clarificar? E a gente está aqui para clarificar alguma coisa?

Edna Porto: Vamos continuar, vamos continuar mais um pouquinho no texto?

Pedro Leonardo: Só uma coisa que talvez pudesse subsidiar a discussão (..) essa instância do não ser. Não ser o quê? Essa questão do ser ou ser analista, é uma questão ontológica, ninguém é analista, quando ele falo em hiância, já tem um bocado de coisa aí. Porque o conceito de hiância é isto. E o que é que se é de fato? Não se é falta a mãe. Ser para o para o outro, entra tudo por aí, aí pega a IPA, análise da IPA, o analista como objeto.

Antônio Augusto Maciel: Você estava na Bahia em 80, não estava? Naquele congresso de psiquiatria, quando Galdino faz uma pergunta de provocação a Portela. Faz uma pergunta a Portela, uma gozação, quer dizer que os analistas que vão fazer análise didática são diferente, não tem nenhum,... - isso é um psiquiatra inquirindo -, não tem conflito, está lá só para aprender, aí Portela disse que a coisa não era bem assim, ele disse que a psicanálise para poder recuperar o seu prestígio, é o que eu me lembro, precisaria saber os seus limites e ele diz que alguém que amasse razoavelmente bem, trepasse razoavelmente bem, tivesse de bem com a vida, não tinha que fazer análise, psicoterapia, coisa nenhuma. Então ele aí, mesmo sendo jungiano, acabou com a análise didática, no meu modo de entender.

Pedro Leonardo: É verdade, mas ao mesmo tempo usa como critério aí qu eu acho muito perigoso, mas não é quem está razoavelmente trabalhando, trepando, quer dizer, que diabo é isso, quer dizer, parte do valor, parte do valor do critério que pressupõe um bocado de coisa, um ideal assim está no meio termo.

Everaldo Soares Júnior: Quando Lacan diz que a condição, a condição de um bom analista é um bom neurótico.

Eugênia Menezes: Espere aí, um de cada vez se não eu fico doida.

Everaldo Soares Júnior: A condição de um bom analista é um bom neurótico. No seminário I ele faz essa afirmação, ou até outras coisas.

Pedro Leonardo:.... o analista é necessário manter uma análise muito longa. Para que alguém que mantenha uma análise por um longo período, precisa ser seja um bom neurótico.

Antônio Augusto Maciel: E eu me lembro que noutra dia ouvi um velho analista falando se alguém chegasse para ele, - não vou nomear esse velho analista está certo? (olhando para o Paulo) -, chegasse para ele e dissesse: eu vim fazer análise para ser analista, ele tomaria isso como sintoma, eu não vou indica-lo não certo?

Paulo Medeiros: Por tratar-se de uma demanda como qualquer outra.

Edna Porto: Mas olhe, há, há uma coisa aí, porque no final de uma análise dessa tem um efeito esperado, entendeu? É como...

João Rego: Qual é o efeito esperado?

Edna Porto: Que ele se torne igual ao analista. Se alguém chega e diz, eu vim fazer análise porque quero ser analista já está dizendo assim: eu quero me tornar igualzinho a você.

Taciana Mafra: Fiz análise para isso, cheguei vou embora.

Edna Porto: Fiz análise para isso. É resistência mas não sei se dá para botar assim no mesmo patamar igualzinha as outras e dizer está tudo o.k.

Pedro Leonardo: Pelo contrário. Só dá para lidar com isso se você a colocar no mesmo patamar das outras análises.

Taciana Mafra: Mas não sei como é que pode botar uma análise no mesmo patamar da outra, essa diferença radical.

Pedro Leonardo: Mas como é que vai tratar de maneira distinta. Aí sim você vai está dando algum privilégio a essa resistência.

Taciana Mafra: Não é tratar de maneira distinta, eu não estou conseguindo me expressar bem.
Antônio Augusto Maciel: Eu entendo Edna dizendo como se a pessoa já tivesse uma finalidade *a priori*.

Edna Porto: Sempre tem, sempre tem uma finalidade *a priori*, sempre tem mas...

Antônio Augusto Maciel: Mas não ser analista.

Taciana Mafra: Não é o que contém nessa demanda, o que se revela, o que isso esconde, ninguém sabe o que é isso.

Edna Porto: Mas alguma coisa disso vai se realizar, entendeu? Se essa criatura conseguir no final da análise dela ser um analista alguma coisa dessa demanda se realizou.

Pedro Leonardo: Sim mais e daí, já recebi gente que queria ser coronel, não estou entendendo qual é a diferença?

Eugênia Menezes: Você fez o homem ser coronel ou não Pedro? Fez ou não fez? (risos)

João Rego: Fez ele coronel Pedro? Fez pelo menos cabo, fez cabo? (risos).

Paulo Medeiros: Mas ele pode querer ser analista no começo da análise e terminar como dentista ou flautista. Uma questão metonímica.

Edna Porto: Aí tudo bem, mas terminar como analista é que para mim coloca algum problema.

Pedro Leonardo: Ai a análise se interrompeu no momento da identificação imaginária (..). Pronto, sou analista cheguei aonde eu queria: ser igual a você, vou embora.

Edna Porto: Eu fico dizendo isso porque me preocupa muito, como a análise termina para os analistas eu não sei se a gente não tem assim um tanto de prejuízo nesse resultado.

João Rego: O sujeito começa a atender e aí para a análise?

Edna Porto: Está entendendo?

Eugênia Menezes: Ah Edna! Eu estou entendendo.

Paulo Medeiros: Como é Edna fale outra vez por favor.

João Rego: Qual é a sua preocupação?

Edna Porto: Eu estou falando coisa que se alguém disser, é porque está gravando, eu não posso nem dizer que eu não disse, mas eu não sou nenhum pouco senhora do que estou dizendo.

João Rego: Você se preocupava muito com essa história do fim da análise para quem vai ser analista.

Edna Porto: Com o fim das análises de quem no fim da análise é analista, entendeu? Eu me preocupo com esses resultados.

Taciana Mafra: E como é esse negócio que é no fim da análise que é analista, porque não é nem isso....

Edna Porto: É assim, Paulo não terminou a análise dele, eu não estou quase terminando a minha, nós não somos analistas.

Taciana Mafra: Sim, mas antes desse marco de fim de análise...

Paulo Medeiros: Há uma distinção entre o desejo de ser analista e o desejo do analista, porque se há uma distinção a ser feita aí, este desejo de ser analista pode ser um sintoma como outro qualquer. Eu estava brincando com Júnior aqui sobre o Alcibíades, que a gente estudou tanto n' O Banquete não é? Tive que ler e reler o Banquete. Alcibíades, Alcibíades quis ser flautista, nunca conseguiu ser flautista. Há uma função para a flautista no Banquete. Lembram que a flautista fica de fora, é mandada sair, aí dizem: por ser mulher. Talvez, mas também um desejo de Alcibíades não realizado. Quis ser flautista e nunca conseguiu sê-lo.

Taciana Mafra: Ah, Paulo, foi tu que descobrisse isso aqui, foi?

Paulo Medeiros: Ah, por besteira, querida, eu me ocupo com aparentes bobagens.

Taciana Mafra: Legal isso...

Paulo Medeiros: Então, há uma distinção a ser feita, quer dizer... há uma distinção a ser feita: o sujeito pode começar uma análise querendo ser analista e terminar como dentista, flautista, pianista, o *ista* aí funcionando como metonímia para a falta do objeto desejo, perdido.

Edna Porto: E analista. Isto tudo vem para mim. Quando eu tiver pensado essas coisas melhorzinha aí eu falo.

João Rego: A preocupação de Edna é porque quando o sujeito passa a ser analista...

Edna Porto: A minha preocupação, ei!!! a minha preocupação eu digo, você não diz por mim.

João Rego: Não, eu estou entendendo o que você disse. Que para o sujeito a principal preocupação é encerrar a análise dele, aí complica.

Eugênia Menezes: Não você disse assim: que se preocupava pela a posição do analista cujo analisante terminasse analista.

Edna Porto: Não, não, não a minha preocupação é como analisante mesmo. Minha preocupação é como analisante. Como analisante (..) e a minha preocupação é a consequência para mim desta operação que se passa no final, mas é uma coisa que eu não estou nem sabendo dizer ainda.

Eugênia Menezes: Mas quando a gente diz vai clareando Edna.

Edna Porto: Retomando a leitura do texto

"Para introduzi-los nisso me apoiarei nos dois momentos da conexão do que chamarei respectivamente, nesta dedução, de psicanálise em extensão, quer dizer tudo que resume a função de nossa escola, na medida em que ela presentifica a psicanálise no mundo e a psicanálise em intenção, ou seja, a didática, na medida em que não faz outra coisa que prepara aí operadores".

Ai vem uma..., cale a boca!! Que agora vem um, um bom miolo aqui, porque eu leio assim animada.

"Esquecesse com efeito,... " mulher macho nada, na Paraíba é que tem homem macho, a mulher pode ser outro termo. "Esquecesse com efeito sua razão de ser grávida, que é a de constituir a psicanálise como experiência original leva-la até o ponto que representa a sua finitude para permitir-lhe après coup efeito de tempo.

Edna Porto: "... para permitir-lhe *après coup*..." . Aqui tem é *après coup* vou inventar outro texto.

"Sabemos que lhe é radical. Esta experiência é essencial ao isolá-la da terapêutica, que não distorce a psicanálise apenas por relaxar seu rigor."

Claro que sim, não é, tem o sujeito diferente, o sujeito da terapêutica.

"Farei a observação com efeito de que não há definição possível da terapêutica que não seja de restituição de um estado inicial, definição precisamente impossível de ser colocada na psicanálise".

João Rego: Isso é muito importante.

Antônio Augusto Maciel: Veja bem, é....., em terapêutica na realidade, quer dizer, se é que essa minha intervenção não vai ser um besterol, não se trata de, de trazer um estado inicial, mas de restaurar um estado homeostático anterior, mas não inicial.

Edna Porto: Esse anterior, esse anterior é o que está, ah, o inicial é aí.

João Rego: Entre o saudável e o doente, a terapêutica é aí. Estava saudável, adoeceu, estava com a patologia a terapia vai voltar a ele ser saudável. Lacan diz que a psicanálise não é voltar a nada anterior.

Antônio Augusto Maciel: E eu estou dizendo que terapêutica médica é recuperação, é recuperar o equilíbrio.

João Rego: Mesmo que seja num outro estágio?

Pedro Leonardo: Claro, o cara está com câncer vai morrer você faz uma radioterapia e segura o tempo.

Antônio Augusto Maciel: Porque você não volta ao estado anterior em medicina pirocas nenhuma.

Eugênia Menezes: Nem em nada, nem em nada que eu conheça. Nada que eu conheça volta.

Antônio Augusto Maciel: Você está com apendicite corta, acabou o apêndice, quer dizer, restabelece apenas o equilíbrio homeostático, quer dizer a pessoa não vai morrer por peritonite meu amigo, somente isso.

Edna Porto: "No que se refere ao..." , como é Paulo?

Antônio Augusto Maciel: Primo non nocelle.

Edna Porto: Primo no nocele, ahahahah!

Antônio Augusto Maciel: Tem que ser alto.

Edna Porto: Primo no notcele.

Taciana Mafra: Arrumasse um paquera todo letrado não é?

Edna Porto: Você vai me dizer I love you?

João Rego: Estais lascado **Augusto** , estais lascado!!.

Edna Porto: Saberei, responderei em Alemão. “No que se refere ao primo no notcele...” o que quer dizer isso hein?

Antônio Augusto Maciel: Primeiro é não fazer o mal.

Edna Porto: Primeiro é não causar danos.

“Não falemos disso, pois é movediço ao não poder ser determinado primo de início. A que escolher não causar dano? Tentem, é muito fácil nesta condição colocar no ativo de uma cura qualquer o fato de não ter causado dano a alguma coisa. Este traço forçado só tem o interesse de possuir sem dúvida uma lógica indescidível. Acha-se concluído o tempo no qual ao que se tratava de não causar dano era a entidade mórbida, mas o tempo do médico está mais interessado nesta revolução do que costumamos crer, em todo caso se tornou mais precária a exigência daquilo que determina o ensino como médico ou não.”

Antônio Augusto Maciel: Veja bem, você..., só dando um parêntese aí..., você não pode entender esse aforismo médico *primo no notcele* se você não pegar um outro aforisma médico que diz o seguinte: *Divinos opus est sedarium dolorium*, quer dizer, que o maior bem que o médico pode fazer é sedar a dor do paciente, essa seria a missão precípua.

Pedro Leonardo: Aliás, que para isto que o Lacan está falando é perfeita.

João Rego: Sedar a dor. Eliminar a angústia, hein Pedro, eliminar a angústia do cara.

Antônio Augusto Maciel: Sem dó nem complacência.

Pedro Leonardo: A análise é exatamente o contrário

Pedro Leonardo: Mas aprendi uma coisa nova hoje. Eu conhecia o sobre cú agora veio o pré cú, como é? (risos)

Edna Porto:

“Nossos pontos de conexão, nos quais devem funcionar nossos órgãos de garantia são conhecidos, trata-se do começo e do fim da psicanálise, assim como dos fracassos. Por sorte estes são os mais exemplares por sua estrutura. Esta sorte deve depender daquilo que chamamos o encontro”.

Acabou por hoje.

Eugênia Menezes: Mais cinco minutos.

Edna Porto: Não senhora.

João Rego: Atenção voltando ao negócio do caderno do Traço, vou passar....

Eugênia Menezes: Espere aí, vamos marcar a outra reunião.

João Rego: Marcar outra reunião, vou passar o óbolo.

Eugênia Menezes: Vamos marcar a próxima não é? Está marcada por quê?

Paulo Medeiros: Vamos conferir. 16 de agosto?

Eugênia Menezes: Mas você é completamente desparafusado em termo de data não é Paulo?

João Rego: Julho tem que ser julho.

Paulo Medeiros: Quando será a próxima?

João Rego: Julho.

Eugênia Menezes: Mas da outra vez Edna disse que de dois em dois meses ficava muito longe, Edna, você como nossa preceptora, qual é sua...

Antônio Augusto Maciel : Eu prefiro de mês em mês, eu acho que de mês em mês, ficaria arretado, eu acho que de mês em mês, não sei se fica cansativo para vocês.

Eugênia Menezes: Eu sou a favor que seja de mês em mês.

Taciana Mafra: Então fica para 21 de junho.
